

## Corrente que integra os sujeitos que produzem, compram, vendem e trocam

Willza Oliveira  
Técnica do MOC

A organização produtiva de agricultores e agricultoras familiares vem crescendo constantemente como uma alternativa de geração de trabalho e renda tanto nas comunidades rurais quanto para comunidades periurbanas. Referindo-se às mulheres este índice é ainda maior devido à dificuldade que a maioria delas enfrentava e vêm enfrentando em relação ao trabalho formal associado ao trabalho reprodutivo que acaba sendo na maioria das vezes uma responsabilidade apenas feminina. Porém não se restringe apenas a elas, uma vez que cada dia tanto homens quanto mulheres e jovens vem se inserindo neste processo.

Essa forma de organização em Empreendimentos Econômicos Solidários, os chamados EES, além de estar crescendo cada dia mais está vinculada ao processo de Economia Solidária, uma alternativa inovadora na geração de trabalho e na inclusão social como forma de uma corrente que integra os sujeitos que produzem, que compram, que vendem e que trocam. Além disso trabalhando nos princípios da autogestão, da democracia, da cooperação, do respeito ao outro e a natureza.

A Economia Solidária pode ser definida em três dimensões: econômica, porque é uma forma de fazer produção, comercialização, oferta de serviços, entre outros, baseados no princípio da autogestão; Cultural, uma vez que é um jeito de estar no mundo, de se consumir produtos saudáveis, locais, que não afetem o meio ambiente e que estejam inseridos os valores locais; E na dimensão política, de forma que é um movimento social que luta por mudanças na sociedade, para que seja mais justa e mais inclusiva.

Neste sentido, tais empreendimentos formais ou não, vêm demandando uma maior e melhor capacitação sobre padronização da sua produção, certificação dos produtos, filiação em código de barras, elaboração de planos de negócio, gestão dos seus empreendimentos, identidade visual dos produtos, entre outros, visando assim uma participação mais qualificada nos mercados institucionais e convencionais.

Essa necessidade vem se afluando cada dia mais devido a uma maior participação das pessoas e dos seus empreendimentos em eventos, feiras de comercialização, intercâmbios e troca de experiências com outros EES dentro e fora de seus territórios e comunidades.

Desta forma, O Projeto Redes de Cidadania no Sertão da Bahia que abrange 06 municípios dos Territórios do Sisal e Bacia do Jacuípe e dentro desses territórios 08 Empreendimentos Econômicos Solidários que vêm se capacitando e participando de espaços políticos de formação de forma que garanta não só a qualificação na produção dos mesmos, mas que venha proporcionar um acesso justo e qualificado aos mercados aos quais os seus empreendimentos estão inseridos, com uma gestão de qualidade e com produtos melhores apresentados.



# Bocapiu

contando experiências por um sertão justo



“Podemos dizer que hoje estamos no céu”

### Expediente

**Realização:** Movimento de Organização Comunitária/MOC - **Coordenação:** Programa de Comunicação do MOC - Kívia Carneiro, Nayara Silva, Rachel Pinto, Zezé Esteves. **Reportagem:** Zezé Esteves - **Fotos:** Manuela Cavadas - Zezé Esteves **Diagramação:** Kívia Carneiro. **Fale Conosco:** MOC - Rua Pontal, nº61, Cruzeiro, Feira de Santana - Bahia. CEP:44.022.052 - Tel. (75)3322.4444 - fax.(75)3322-4401, email:comunica@moc.org.br. Site:www.moc.org.br.

### Patrocínio



“A gente queria melhorar nossa condição de vida, mas os projetos eram somente para os homens assentados dos lotes de terra”, conta Elzita Cunha, uma das pioneiras do Grupo de Mulheres Produtoras da Comunidade de Rose (GMPR), hoje com 20 mulheres, agricultoras familiares, que desenvolvem atividades de produção de sequilhos, broas e beijos, além de cuidar e comercializar hortaliças cultivadas em horta própria.

Assim começa uma roda de prosa na comunidade de Rose, Semiárido baiano, distante 06 km do município de Santa Luz. Rose é uma terra de assentados, terra de “griôs” onde fábulas, histórias e receitas são resgatadas e repassadas, terra de culinária exótica e terra do GMPR, grupo de mulheres fortes, guerreiras, que inconformadas com a situação de pobreza em que se encontravam, decidiram cobrar da Associação dos Pequenos Agricultores da Comunidade de Rose (APACOR), projetos para que elas pudessem não apenas contribuir com o sustento da família, mas que também pudessem se organizar, planejar e gerir.

“Com a cara e a coragem fundamos o grupo em 2004, fazendo sequilhos e bolos de aimpim e pela falta de experiência, tivemos perdas na produção dos bolos. Foi aí que decidimos fazer cursos em Serra Branca em 2005, e depois no MOC em Feira, para nos aperfeiçoar. Umas iam fazer os cursos e as outras ficavam aqui e quem voltavam do curso repassavam pra todo mundo o que tinha aprendido”, comenta Joanita Ataíde, outra pioneira do grupo.

Para iniciar o trabalho de produção o grupo não tinha estrutura física, mas coragem nunca faltou a nenhuma delas. “A Associação doou um quartinho junto da casa de farinha e depois fizemos vaquinhas, sorteios, pedimos doações e fizemos uma pequena reforma lá e também compramos uns equipamentos. Depois conseguimos mais projetos, com a ajuda da Associação, do MOC, da Rede e



de outros parceiros’, enfatiza Elzita Cunha.

“O GMPR é um dos 62 empreendimentos filiados à Rede de Mulheres Produtoras da Bahia hoje. Esses empreendimentos envolvem cerca de oitocentas mulheres com histórias de luta e superação a exemplo do grupo de Rose, e atuam em 17 municípios da Bahia ajudando a fortalecer a organização dessas mulheres”, ressalta Patrícia Nascimento, coordenadora da Rede que foi criada em 2002 a partir da necessidade de formalizar os grupos de produção já existentes, valorizar o trabalho feminino e incentivar a realização de práticas de desenvolvimento solidário e sustentável.

### Determinação

A roda de prosa segue, ora contando a história do grupo formado por mulheres que moraram com maridos e filhos em barracos de lonas plásticas pretas por quase quatro anos, até conseguirem o primeiro crédito para a construção de suas casas, ora contando a história do assentamento. Eram 400 pessoas distribuídas em 120 barracos. Falam

das dificuldades ao morar nesses barracos principalmente em dias de chuva. “Molhava tudo, a água entrava por um lado e saía por outro por dentro do barraco”, lembra Florisdete Araújo. Umas lembram que com a chegada da polícia escondiam as crianças para que não falassem os nomes dos pais caso lhes perguntassem, enquanto outras contam das camas de “flechas” com camadas de sisal para ficar mais macio ao dormir, e assim, ainda sem o título da terra, seguem com muitas outras histórias de luta e resistência, mas logo retomam com igual orgulho à história do grupo.

Era março de 2008 quando o grupo passou a produzir sequilhos e bolos ao Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). “Éramos dez mulheres e convidamos mais duas para ajudar na produção”, conta Elzita que lembra a ampliação da produção com a renovação do convênio por mais dois anos. “Também começamos a produzir polpas de frutas”, diz. Mais tarde passaram a fornecer seus produtos para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Até hoje quase toda a produção é vendida para

o PAA e PNAE que lhes garante a sustentabilidade. Uma pequena parte é vendida na própria comunidade ou comercializada nas Lojas da Rede que ficam localizadas em Feira de Santana e Santa Luz. Sempre participam de formações, intercâmbios, eventos e feiras da Economia Solidária em nível regional, estadual e nacional.

Adevania Araújo, que desde pequena acompanha sua mãe no trabalho do grupo e hoje é a atual presidente, afirma que os desafios são muitos. Um deles é a construção da agroindústria que já consta em um projeto protocolado no Incra. A casa onde hoje funciona a atual unidade de produção é própria, mas muito pequena para a demanda. O beiju é produzido na casa de farinha que pertence à Associação. A falta de novos equipamentos, também requer atenção. “Mas estamos felizes com a assessoria do MOC, com a conquista de projetos como o Rede de Cidadania no Sertão da Bahia, da Petrobras, porque estamos tendo suporte técnico na área de gestão, aprendendo tudo sobre a padronização e certificação dos nossos produtos, uma vez que ainda usamos a marca da Rede, e estamos aprendendo também mais sobre código de barras, normas técnicas, porque queremos ver cada vez mais e mais, nossos produtos com mais qualidade e vendendo bastante”, diz Adevania, que comemora a conquista do primeiro veículo do grupo nos próximos meses.

Com uma renda individual de cerca de R\$ 350 reais/mês, trabalhando cerca de 16 horas semanais, essas mulheres, exemplo de superação, chegaram a 2015 com muitos desafios vencidos e dia-pós-dia conquistam autonomia e seu espaço na sociedade. A organização dessas mulheres lhes confere o empoderamento político e econômico, elevando a auto-estima através da valorização do seu trabalho e da participação política, social e cultural nos espaços onde estão inseridas.

## A comunidade de Rose

O assentamento de Rose, também conhecido como Lagoa do Boi, município de Santa Luz, foi ocupado a 10 de julho de 1989, depois de várias reuniões com famílias de Conceição do Coité, Retirolândia, São Domingos e Valente, apoiadas pelos seus Sindicatos de Trabalhadores Rurais, juntas com a Igreja Católica de Coité e da APAEB de Valente, que decidiram pela ocupação.

O nome povoado de Rose é uma homenagem a Roseli Celeste Nunes Silva, líder camponesa do sul da Bahia que morreu num conflito de terra logo no início do Movimento dos Sem Terra (MST). O assentamento conta com 78 posseiros. Rose é hoje uma agrovila com cerca de 140 casas, ruas e uma avenida. Possui uma casa de farinha, sede da Associação, posto de saúde, uma escola, sede do GMPR, quadra de esportes, energia elétrica, sistema de abastecimento de água numa área de 1.350,5 hectares. Consegue manter viva a cultura do local com o grupo Rosas Vivas, que mantém ativo o samba e cantigas de roda. Palavra de origem africana, os “griôs” que preservam a história e memória oral dos seus povos, também estão presentes em Rose. Normalmente formados por pessoas mais velhas, mestres num saber, os griôs são os responsáveis pela perpetuação das fábulas e estórias, e pelo resgate da história do povoado passando o conhecimento para os mais novos na tentativa de manter viva a tradição e cultura do local.

Rose ainda é a terra da culinária exótica graças a dona Maria José das Mercês, conhecida como Maria Baía, que inova sabores utilizando temperos tradicionais com plantas da caatinga a exemplo, do xique-xique, mandacaru, da palma, cabeça de frade, babosa e outros, e passa esses saberes para jovens da comunidade.